

**Texto/discurso no/pelo corpo como espaço de resistência,
de protesto e de reivindicação**

Text/discourse in/by the body as resistance,
protest and claim space

Maria Cleci Venturini*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO - BRASIL

RESUMO

Nos movimentos de rua de 2013, o corpo é um objeto mais que discursivo: ele funciona pelo simbólico e constitui o corpo-memória de movimentos em (dis)curso. Objetivamos mostrar como o corpo constitui discurso e instaura efeitos de sentidos pelo que retorna como memória e significa pela língua na história e por práticas sócio-históricas em que os sujeitos em suas filiações são o centro, o fio que tece discursividades. A rua constitui-se em espaço de disputa de sentidos e a mídia dá visibilidade a manifestantes e diferencia-os daqueles que protestam e mostram no/pelo corpo a resistência e o desejo de confronto.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Memória. Corpo-memória. Sentidos. Língua.

ABSTRACT

In street movements and 2013, the body is more than a discursive object: it works by symbolic and constitutes the body-memory of movements in course and discourse. We intends to show how the body constitutes discourses and installs sense effects by what returns as memory and makes sense by the langue in the history and by socio-historical practices, in which the subjects, in their filiation, are the center, the guideline of discursiveness. Street constitutes spaces of senses dispute and the media gives visibility to protesters and

* Sobre a autora ver páginas 76.

differentiates them from those who protest and show in/by the body the resistance and of the confrontation desire.

KEYWORDS: *Discourse. Memory. Body-memory. Senses. Langue.*

1 Primeiras palavras

O centro de nossas discussões é o texto/discurso dos movimentos das ruas, no Brasil, ocorridos em 2013, as chamadas jornadas de junho, que tiveram início com o Movimento Passe Livre, que se dizia apartidário e se insurgiu contra o aumento de vinte centavos nas passagens urbanas. O chamamento, inicialmente, ocorreu a partir do enunciado “vem pra rua”, que, em 2014, deslizou para “Vem pra urna”, desencadeado pelo Tribunal Superior Eleitoral, como chamamento às eleições para presidente, para deputados (estaduais e federais) e para senadores. No que tange ao título do artigo¹, vale destacar que estabelecemos relação entre texto/discurso, mas não apagamos e nem negamos o discurso como objeto da teoria discursiva, desenvolvida a partir de Pêcheux (1997). Com isso, damos visibilidade ao texto como unidade de análise, constituída pela impossibilidade de analisar o discurso como um todo.

De acordo com Orlandi (2001, p. 12), o texto encaminha para discursos, e, segundo a mesma autora, define-se como materialidade, “como historicidade significativa e significada (e não como “documento” ou “ilustração”); como parte de uma relação mais complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto”. Ainda em relação à forma, Orlandi (2012, p. 14) diz que “o texto é multidimensional, enquanto espaço simbólico” e, se olhado na perspectiva discursiva “é um bólido de sentidos”. Além disso, segundo Orlandi (2001, p. 12), o texto, mesmo se apresentando como uma unidade imaginária, “é um excelente observatório do funcionamento do simbólico”. Em outras palavras, o texto e o discurso não se recobrem, mas o texto assinala a passagem para o discursivo. De tal modo que uma mesma materialidade pode encaminhar para discursos distintos, dependendo da filiação dos sujeitos e das condições de produção das materialidades. Optamos por tratar de texto/discurso e o corpo em texto por meio de sujeitos. Segundo Orlandi (2012, p. 10), “o homem não pode [...] evitar a interpretação”, pois o

¹ Texto vinculado ao Projeto de Pesquisa “Análise de Discurso: retorno à teoria”, apoiado pela Fundação Araucária – PR.

sujeito, de acordo com a mesma autora, está sempre buscando sentidos, já que a interpretação faz parte das manifestações linguageiras. Dessa forma, o sentido e a interpretação não se separam, e é assim que o corpo, as posições do corpo, as cores, a postura e os gestos significam e constituem o discurso que resulta de práticas sócio-discursivas.

O nosso olhar sobre o objeto discursivo segue os conceitos e a metodologia da Análise de Discurso, tal como foi concebida por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Eni Orlandi e por pesquisadores que, assim como ela, trabalham com a teoria materialista, elegendo como objeto o discurso. A teoria convoca e faz funcionar, a partir de sujeitos duplamente determinados pela ideologia e pelo inconsciente, o modo como se constituem determinados efeitos de sentidos e não outros. Em razão da nossa filiação a esse campo disciplinar e, conseqüentemente, aos pressupostos teóricos que determinam a metodologia a ser empreendida nas análises do *corpus* selecionado, funcionando como um pêndulo.

Essa filiação implica construir o dispositivo teórico e, a partir dos recortes realizados no objeto de estudo – o texto/discurso dos movimentos de rua, de 2013, das chamadas jornadas de junho – construir o dispositivo analítico. Em outras palavras, de acordo com Orlandi (2002), a questão de pesquisa é relevante para a delimitação do *corpus* e, em torno do nosso objeto, realizamos o gesto interpretativo que nos revelou o corpo como uma forma de escrita. Propomos, portanto, a partir do texto/discurso, tomar o corpo em texto como materialidade simbólica, que se dá a ler e interpretar por meio de sujeitos.

Esse viés metodológico é relevante, pois, como destaca Orlandi (2012, p. 10), “o homem não pode [...] evitar a interpretação”, pois o sujeito, de acordo com a mesma autora, está sempre buscando sentidos, mesmo porque a interpretação faz parte das manifestações linguageiras. Dessa forma, o sentido e a interpretação não se separam e é assim que o corpo, as posições do corpo, as cores, a postura e os gestos significam e constituem o discurso que resulta de práticas sócio-discursivas em que a rua adquire forma material no/pelo corpo, significando-o como espaço de resistência, de protesto e de reivindicação.

A questão que buscamos responder, a partir da teoria materialista do discurso é: Como no/pelo corpo-texto instauram-se efeitos de pertencimento ou denegação? Para responder à questão proposta, realizamos o gesto analítico em torno do corpo-memória, no discurso que vem das ruas, em 2013. As materialidades analisadas, em nosso recorte, circularam em capas de revistas e recortam o corpo como espaço de resistência, de protesto e de reivindicação,

de materialidade significativa (ORLANDI, 2012). Seleccionamos três textos-imagem: duas capas da *Revista Época*, que circularam, respectivamente, em 17 de junho de 2013 e em 11 de novembro de 2013, e uma capa da *Revista IstoÉ*, publicada em 02 de dezembro de 2013.

2 A escrita da rua pelo corpo: espaço de resistência, de protesto e de reivindicação

A rua e o seu funcionamento como espaço/lugar de embates, de lutas e, algumas vezes, do consenso deve-se aos movimentos sociais e a luta por direitos ocorridos em 2013 e que a significaram como espaço de disputas de sentidos. Essas disputas desencadeiam transformações sociais e políticas no Brasil e no mundo e dão visibilidade à contradição – diferentes posições-sujeitos em uma mesma formação discursiva (doravante FD) - e ao antagonismo - equívocos e rupturas em torno de distintas posições-sujeitos na formação social. Nas jornadas de junho, como foi chamado o movimento de rua de 2013, o enunciado ‘vem pra rua’ faz funcionar o ‘vem pra urna’ e os domínios que esses enunciados fazem trabalhar.

O discurso que circulou na/pela rua é opaco e instaura rupturas decorrentes de sujeitos na luta e em luta por materialidades significantes que entram na ‘ordem do discurso’, na escrita que vem da rua, e rompem com a estabilidade e a repetição. Isso porque a escrita tradicional, construída pelo encontro do simbólico e do político, cede lugar ao corpo, sinalizando para o novo: o corpo em texto, no qual ressoam memórias e retornam discursos por meio de sujeitos, tendo em vista duas teses discutidas por Pêcheux (1997, p. 149), segundo as quais “1) só há prática de e sob uma ideologia. 2) Só há ideologia pelo sujeito para sujeitos”. Essas duas teses sustentam, segundo o mesmo autor, o fato de que o discurso existe a partir de sujeitos e que os sujeitos são sempre ideológicos.

A escrita da rua pelo corpo e pelo que ressoa por ele/nele e dele, significa-o como objeto discursivo, o corpo em (dis)curso. Nos movimentos de rua, o corpo adquire força simbólica e política. Pela relação corpo e linguagem, a rua deixa de ser um espaço para “humanizar-se”, incorporando e fazendo funcionar gestos próprios de sujeitos, que se ‘pensam’ autônomos e origem do dizer e, constituídos por essa ilusão, escrevem-se e são escritos/descritos, enfim, textualizam-se e são textualizados. Ferreira (2013) desenvolve o conceito corpo-memória, destacando que os sentidos do corpo decorrem da memória, do que ‘significa antes em outro lugar’. Há que destacar, ainda, que a memória

funciona a partir de sujeitos e de condições de produção e que os sujeitos e o sentido decorrem dessas inscrições.

Segundo Pêcheux (1997, p. 164), o sentido não existe de forma literal, ele é "determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, as expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)". Vale destacar, ainda, a partir de Pêcheux (1997), a interpelação dos indivíduos em sujeitos pela ideologia. O sujeito, segundo o autor, desdobra-se entre o locutor – sujeito da enunciação – ilusoriamente responsável pelo dizer e o sujeito universal, ou o sujeito do saber (ou o sujeito com S maiúsculo), constituído pelos saberes do interdiscurso.

Esse desdobramento do sujeito implica diferentes modalidades de identificação. Duas dessas modalidades, de acordo com Pêcheux (1997, p. 214), são evidentes. Trata-se da identificação, em que há um recobrimento entre os saberes do sujeito da enunciação e do sujeito universal, designado pelo autor de bom sujeito. Quando reviu a teoria, Pêcheux entendeu que esse recobrimento total não existe e que o sujeito é sempre dividido, permeado por outros saberes. A segunda modalidade é aquela em que o sujeito locutor assume posição crítica, de resistência, e não aceita totalmente as determinações decorrentes do sujeito universal. No entanto, permanece na FD que o interpela, questionando, instaurando a resistência, promovendo a contraidentificação, que ocorre pelo mau sujeito. Há uma terceira modalidade de identificação. É aquela na qual o sujeito rompe com os saberes da formação discursiva em que se inscreve. De acordo com Indursky (2008), a desidentificação poderia instaurar um acontecimento discursivo, tendo em vista que o sujeito sai de uma FD e se inscreve em outra. Isso ocorre porque o sujeito não é, segundo a autora, livre. Ele tem a ilusão de uma certa liberdade que decorre da possibilidade de sair de uma FD e inscrever-se em outra.

As condições de produção em torno do objeto de análise são determinantes para efeitos de sentidos. Desse modo, definimos o início das manifestações de rua a partir de 2013 como um tempo estanque, sem apagá-las como palco da luta de classes desde há muito tempo. A rua, relacionada ao corpo, mostra que os sujeitos vêm sendo significados e se significando nela/por ela, tanto em relação à luta política, quanto em relação à sua subjetivação, que decorre da ideologia e do modo como o sujeito é interpelado. Trata-se da subjetividade não subjetiva, em que trabalha a exterioridade e a anterioridade. Assim, tratamos a partir de Orlandi (2002), as condições de produção estritas, que dizem respeito ao acontecimento que motiva as textualidades a serem

analisadas e, depois, as condições de produção em sentido amplo, que abarcam o contexto sócio-histórico, as memórias e os discursos que retornam.

As chamadas 'jornadas de junho', em 2013, instauram a resistência ao aumento das tarifas urbanas, pedindo 'tratamento Fifa' para a saúde, para a educação e para a segurança, o que não é pouco, pois envolve o Brasil como um todo. Nesse período, foram reformados aeroportos, estradas, ocasionando um rombo bastante grande, acentuado pela corrupção, pelas propinas pagas aos políticos que começaram a vir à tona após 2013. A referência ao tratamento Fifa deve-se ao fato de o Brasil inteiro estar praticamente em reforma nesse período, fazendo com que os recursos destinados à saúde, à segurança e à educação fossem reduzidos.

Os movimentos de ruas, desse período, estiveram sob a coordenação do Movimento Passe Livre (MPL), pautando-se na resistência dada pela rejeição à política partidária e na defesa dos direitos dos cidadãos. Há, em tese, a determinação prévia do que pode ou não ocorrer nesses encontros e, também, de quem pode ou não participar deles. No entanto, de acordo com Pêcheux (1997), a língua é o lugar material em que os sentidos falham. Assim, a determinação produz o equívoco e a possibilidade de sentidos outros.

Esses sentidos outros ocorrem pela determinação que instaura, contraditoriamente, a indeterminação, funcionando em 2014, quando a ausência do partidarismo político fica de lado e o enunciado 'vem pra rua' desloca-se e convoca o 'vem pra urna', instaurando redes metafóricas em torno desses enunciados, inscrevendo-os em um mesmo domínio de memória. Por esses enunciados, atravessam-se discursos em torno de lutas sociais e, também, de mudanças políticas, que rompem com o neoliberalismo, talvez o mesmo que perpassou os governos de Collor e de Fernando Henrique, de um lado. Os militantes, provavelmente, funcionem da mesma forma que aqueles que foram designados de comunistas em 1968, porque 'ameaçavam' a família cristã brasileira. De outro lado, ressoam discursos que objetivam romper a cadeia instaurada pela chamada Era Lula, com o objetivo de evitar que o PT permaneça no poder por doze anos. Os sujeitos militantes são os de direita e, por eles/neles, retornam discursos em torno da família, da moralidade e do medo da esquerda, assim como ocorreu em 1968.

No movimento de rua de 2015, as panelas voltam a ser o centro das reivindicações, agora não mais pela diminuição de vinte centavos nas passagens, mas por investigações de corrupção e de rombos na Petrobrás. O foco muda, pois não se trata mais de panelas vazias. O movimento, conhecido como 'panelaço', agrega sujeitos-cidadãos que se ancoram nos enunciados 'Fora PT' e

'Fora Dilma' e fazem funcionar o contraditório por duas razões: defendem políticas sociais de justiça, de um lado e, de outro, lutam para manter a hegemonia de uma classe dominante. O panelaço contra Dilma e contra o PT fez trabalhar, também, discursos em que ressoa a corrupção, retornando a Era Collor, que instaura redes parafrásticas em torno da moralização e da crise econômica, sustentadas e legitimadas por escândalos como os da 'lava-jato', que envolvem propina e lavagem de dinheiro público. Os discursos contra a crise econômica gerada, de acordo com Veríssimo (2015), pela política neoliberal, desagradou a direita e, também, a esquerda, e criou um problema para aqueles que quiseram analisar e interpretar a atualidade política de 2015. A sustentação desses discursos vem da corrupção e dos escândalos políticos imputados ao Partido dos Trabalhadores, instaurando evidências de verdade e de objetividade, que encaminham para a homogeneidade de sentidos.

Essas novas práticas políticas instauram outras e novas redes de significação, de nomeações, que ressignificam os sujeitos e a rua, de modo que ela deixa de ser parte da cidade, constituindo evidências de que a rua é a cidade e não parte dela. Nesse sentido, os sujeitos-cidadãos resistem, protestam, constituem corporeidade da cidade. O discurso que dá visibilidade à rua tem se humanizado porque a rua 'se levanta', 'não por centavos', mas por 'direitos' e por 'dignidade' e se constitui sujeito porque ruge, porque grita e, talvez, porque, por um período, chegou a roncar, e esse ronco é uma forma de constituí-la como sujeito. Esse discurso tem origem e circula na mídia – como gerenciadora e interpretadora do que a mídia designou de 'marchas urbanas' ou 'marchas de junho'. Essas marchas, segundo Nunes (2013, p. 65), instauram "novas práticas políticas no espaço cidadão", instaurando movimentos de protesto, de reivindicação e de resistência, convocados e disseminados pelas redes sociais.

Orlandi (2004, p. 11) destaca que, "no território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que um não se separa do destino do outro". Podemos adiantar que, nesses movimentos, a rua adquire corporeidade e assume o lugar dos sujeitos. Nesse nosso texto, isso funciona por meio dos processos metonímicos, pelos quais, segundo Pêcheux (1997), a substituição ocorre por implicação. Esse funcionamento permite pensar a rua como cidade, tomando a parte pelo todo, dando visibilidade à relação rua/cidade, destacando que ela, nesse processo, é representada pela rua.

Enfim, pensamos a rua e os efeitos de sentidos que ela constitui por meio da escrita que faz dela texto/discurso, tal como foi analisado por Souza (2015), como espaço de memória, pelo qual ressoam dizeres já-ditos e

significados antes, em outros tempos e lugares, como materialidades significantes da rua. É assim que a rua é discursivizada pelo corpo que ‘fala’, de acordo com Veloso (2016), em materialidades fílmicas. Nesse sentido, a rua não somente ‘fala’, mas também ‘cala’, ‘grita’, ruge e ronca, constituindo a narratividade do urbano, tal como sinaliza Orlandi (2010), num discurso que abarca, não só a luta por direitos, mas também por lugares e por posições.

Diante dessa discursividade, perguntamos como no/pelo corpo o texto/discurso sobre/da rua é escrito por sujeitos que participam desses movimentos e organizam a tecitura/tecedura² dessas materialidades, por meio de textos verbais e de textos-imagem, que circulam na mídia e instauram efeitos de sentidos decorrentes de filiações e de determinações ideológicas. Essas materialidades estão na rua para atender a demandas políticas e econômicas dos sujeitos-cidadãos que resistem à formação social essencialmente capitalista, reescrita e significada por historicidades e por memórias, que teimam em retornar/ressoar. E, com isso, podem instaurar efeitos contrários às instituições e aos sujeitos que buscam gerenciar e aprisionar determinados efeitos de sentido pelo silenciamento, pelo apagamento da contradição e do antagonismo. O retorno dessas memórias e o funcionamento da ideologia constituem evidências de homogeneidade e, ao mesmo tempo, trabalham os acontecimentos de modo a instaurar distintos efeitos de sentidos, fazendo funcionar as simulações e os simulacros, os quais, de acordo com Jean Baudrillard (1991), oferecem cada vez menos informação e mais sentidos.

A mídia tem destacado os movimentos de rua, dando visibilidade às manifestações de protesto, de reivindicação e de resistência, dizendo que elas abalaram o Brasil. Esse destaque apaga as repetições e o fato de que esses movimentos já ocorreram antes no Brasil. Apaga, também, as profundas diferenças sociais que retornam como memória pelas marchas de junho e pela repetição de desmandos que motivam a resistência e a luta que leva os sujeitos-cidadãos às ruas. Outro apagamento bastante relevante é a repetição de governos autoritários e os problemas sociais e econômicos decorrentes de governos centralizadores que aprofundam a crise no país. O discurso que circula na mídia tem como característica principal acontecimentos datados, construindo um discurso histórico constituindo efeitos de verdade.

O trabalho da mídia em torno dos movimentos de rua, ocorridos em 2013, aparece pela repetição e reiteração de outros protestos que ocorreram no Brasil, cuja culminância foi a ditadura militar e mais de vinte anos de um Estado

² Noções usadas por Neckel (2010) e em outros textos para destacar o modo como os textos adquirem textualidade por meio de redes parafrásticas.

de exceção. Em 1953, a chamada 'marcha dos 300 mil' ficou conhecida como passeata das panelas vazias, em que os sujeitos-cidadãos reivindicavam o aumento do salário mínimo. Eles desfilaram pelas ruas com panelas vazias, que representavam discursivamente o baixo poder aquisitivo da população brasileira. Já em 1964, a marcha da família com Deus pela liberdade entrelaçou o político, a família e o religioso. Nessa marcha, o discurso em circulação dizia que os comunistas eram os grandes inimigos das famílias; portanto, sujeitos ateus, sem Deus, razão pela qual ameaçavam a ordem, a moralidade e, também, a família, a liberdade e a democracia. De acordo com historiadores, essa marcha sustentou o Golpe Militar, pois, por essas/nessas memórias, ressoa a ordem, a disciplina, o silenciamento, talvez conveniente para que a família brasileira continuasse a reproduzir ideologias, evitando transformações e mudanças.

O golpe, sustentado nesses/por esses discursos e memórias, instaurou os anos de chumbo. E, como resistência a eles, emergiram movimentos sociais pautados na contraidentificação e, muitas vezes, na desidentificação dos sujeitos à formação discursiva que se insurgiu contra o militarismo. Destacam-se, dentre os movimentos, as greves no ABC paulista e a resistência ao governo militar, a partir de 1978. As reivindicações referiam-se a aumentos salariais, a melhores condições de trabalho, defendendo, também, eleições diretas em todos os níveis. A partir de 1983, o alvo passa a ser a exigência de eleições diretas e a marcha pelas 'Diretas Já', o que vai ressoar nos movimentos de 1964 e 1978, representando, discursivamente, a resistência ao governo militar e à falta de liberdade.

O movimento de rua de 1992, dos 'caras pintadas', rompeu com a repetição, pois não se tratava mais de reivindicar liberdade democrática e direito ao voto. Fernando Collor de Mello foi eleito pelo voto popular; o seu governo, entretanto, estava envolto pela corrupção. O movimento que se insurge, em torno desse governo, instaura a resistência e, pelo discurso, reivindica a moralidade, a defesa do Brasil, não mais por meio da família e da religião, mas pela defesa do Brasil, da pátria, materializada pela bandeira e por suas cores.

Nas manifestações de rua, não só de 2013, os sujeitos deram visibilidade à sua filiação ideológica e à sua posição-sujeito por meio do corpo. Fizeram isso pelo olhar, pelo desenho, pela escrita estampada nos seus rostos ou da forma como o esconderam, possibilitando identificá-los/inscrevê-los na FD dos 'manifestantes' ou na dos '*Black blocs*'. É nesse sentido que o olhar constitui o corpo como materialidade significante, atravessada por memórias e por discursos, conjugando e fazendo trabalhar, em um mesmo espaço discursivo, o verbal e o não-verbal.

Destacamos, diante disso, que o corpo convoca espaços de memória e faz funcionar o seu atravessamento pelo simbólico, faz com que corpo funcione como linguagem, instaurando processos de identificação, de contraidentificação e de desidentificação. Dos sujeitos inscritos como manifestantes ou como *Black blocs*, especificamente, no que diz respeito à sua relação com o corpo, como linguagem, interessa, fundamentalmente, o corpo-memória que se estrutura por falhas e por faltas. Interessa, ainda, a interpelação ideológica, buscando o seu real, no trabalho discursivo, tal como trabalhado por Ferreira (2013, p. 131). A mesma autora reflete em torno do corpo como lugar de observação do sujeito, como objeto e como ferramenta. Em nossa reflexão, significamos o corpo como objeto e como ferramenta, como escrita, a partir da qual os sujeitos se significam, resistem, reivindicam e protestam, inscrevendo-se em determinadas formações discursivas e não em outras.

Vale sublinhar que, de acordo com Courtine (2009), o corpo é interpretado/escrito por meio de práticas discursivas, que apagam a separação entre ele e o espírito. Ainda, segundo o mesmo autor, essas práticas ocorreram no século XX, que foi designado como a ‘Era do Corpo’. Nesse funcionamento, o corpo foi pensado/analizado pelo viés psicanalítico, antropológico, linguístico e das ciências sociais. O viés psicanalítico, que se ancora no enunciado “o inconsciente fala através do corpo”, desencadeou a somatização da imagem do corpo na formação do sujeito, pela relação do corpo e do inconsciente, de acordo com Freud, relido por Lacan. Para Courtine (2009, p. 12), o corpo significa a partir de sujeitos inscritos em formações sociais que se submetem à cultura e ao inconsciente. De acordo com Elia (2004, p. 23), “os sujeitos tendem a atribuir um sentido a cada movimento do corpo, justamente em função de que se trata tanto quanto uma fala, de produções simbólicas”.

Assim, pelo viés discursivo, se entrelaçam o corpo e a memória, concorrendo para a escrita do discurso de resistência, sinalizando para a tomada de posição e para a inscrição do sujeito em formações discursivas, que dão visibilidade às suas filiações e sinalizam, para as redes de memórias, que essas filiações convocam e fazem trabalhar no discurso. Nas análises e na interpretação que empreendemos, os sujeitos filiam-se ao Brasil, como país/corpo. Trata-se de manifestantes, daqueles que se identificam com a forma-sujeito do Brasil, como país/nação. Esses se distinguem daqueles que praticam a resistência e se contraidentificam à forma-sujeito da nação brasileira, negando as instituições e a ordem vigente no país. Trata-se daqueles que protestam. As duas práticas – a dos manifestantes e a dos que protestam -

materializam-se pelo corpo, enquanto escrita que instaura textos e o encaminhamento para o discurso, como resistência e como aceitação/negação de um determinado estado de coisas.

3 O protesto, a reivindicação e a resistência: o corpo como significante/significando

Nosso olhar em torno do corpo, a partir do qual se inscreve/é escrito o texto/discurso da rua, ocorre por meio de materialidades que circularam socialmente e dão visibilidade às manifestações, aos protestos e à resistência e instauraram efeitos de sentidos em torno das marchas urbanas, pelas quais o corpo dos sujeitos, o corpo da cidade e o corpo institucional formam, ilusoriamente, o UM, de acordo com Orlandi (2011), sinalizando que a rejeição ao Um individua o sujeito e apaga a homogeneidade da mundialização. O processo de individuação sustenta-se na inscrição do sujeito a grupos, que os significa como distintos do 'todos', homogeneizados³.



Texto-imagem 1⁴

³ Dizemos isso a partir de Orlandi (2008, 2010, 2011) em que trata da individuação do sujeito pelo Estado e do funcionamento das comunidades e o seu funcionamento em relação à mundialização.

No texto-imagem 01, o sujeito com o rosto tapado por uma máscara posiciona-se como um justiceiro. Ele está armado e vai defender suas posições em torno de causas sociais que atingem a maioria dos sujeitos cidadãos. Esse sujeito escreve/inscreve o sujeito na FD daqueles que se situam na zona nebulosa dos que precisam ser descobertos, descritos. O corpo que estrutura esse texto e o encaminha para discursos é o corpo-memória que o significa como o que resiste. A resistência está estampada nos punhos cerrados, na máscara do seu rosto, no espaço ocupado, na capa da revista. Finalmente, significa-o pelos sujeitos que estão atrás dele, sinalizando que ele é o maior, em tamanho, em resistência; mas a sua identidade se apaga: o rosto está atrás da máscara, tornando-o anônimo.

A mídia, aqui representada pela capa da *Revista Época*, legitima-se como autorizada a dizer quem são eles, como atuam e aonde querem chegar. A preposição “até” instaura o efeito de que eles estão indo longe demais, insurgindo-se contra a classe dominante, paralisando as principais cidades brasileiras. O corpo-memória desse sujeito significa pela posição dos braços, pela cor da roupa, pela posição do corpo, que o inscreve contraditoriamente em dois lugares: o do super-herói e do fora da lei, que destrói o patrimônio público. Com isso, instaura efeitos de sentidos em torno da promoção da justiça, da luta pelos desfavorecidos ou faz funcionar o mistério, perguntando pela sua prática, a qual o inscreve no espaço nebuloso que se situa entre o herói e o marginal, entre o idealista e o calculista. Esse efeito ressoa na/pela pergunta: aonde querem chegar?



Texto-imagem 2

O texto-imagem 02, que circulou na *Revista Época*, em 11 de novembro de 2013, rompe com a previsibilidade. E se o relacionarmos com o primeiro texto-imagem, o efeito de sentido que se torna bastante forte é de que essa segunda materialidade se contrapõe à primeira. Isso porque designa/inscreve os sujeitos na FD dos mascarados, daqueles que não apenas se manifestam, mas também protestam. Segundo a revista *Época* e os sujeitos entrevistados pela reportagem, trata-se de duas práticas distintas. O protesto pauta-se no desejo de chamar a atenção para o movimento, criando o acontecimento. Já a prática da manifestação, que acontece nas ruas, inscreve-se na ordem do 'politicamente correto', do que não rompe com a previsibilidade em detrimento do protestar, que, segundo a reportagem, é mais violento, menos previsível e mais obscuro.

Nessa materialidade, ocorrem vários rompimentos. O primeiro deles decorre do fato de se tratar de um sujeito-feminino, o qual ocupa um espaço menor nos movimentos de reivindicação e de resistência, ainda mais quando se filia a grupos que atuam em movimentos organizados, os quais se expõem à ação da polícia. O sujeito tira a máscara, mostra o rosto, deixa-se clivar pelo olhar do outro e sinaliza para o que será/foi dito no/pelo veículo de comunicação. O enunciado “Sem máscara” não recorta apenas o ato de tirar uma máscara, de mostrar-se. É mais do que isso: pode indicar o colocar-se diante do olhar e do julgamento do outro, daquele que nem sempre aceita esses

movimentos, tornando-se visível, não só pelo corpo, mas também pelo que é dito. Outro efeito de sentido possível é de que o sujeito-feminino também se individualiza e se inscreve na formação discursiva dos que resistem, apagam determinados efeitos de sentidos e instauram outros.

Instaurar os efeitos de sentidos e a inscrição de sujeitos e acontecimentos em determinados lugares de significação e de memória pela cor e pela posição do corpo permite continuar a dividir o texto-imagem em enunciados-imagem, recortando-o pelos espaços de memória que mobiliza e faz trabalhar no discurso (cf. PÊCHEUX, 2002). Por esse texto-imagem, é possível relacionar o funcionamento das materialidades significantes e os efeitos de sentidos instaurados, considerando que, apesar de a AD não trabalhar com conteúdos e nem priorizar os sentidos em sua homogeneidade, não há como dizer que o sentido pode ser qualquer um, pois há encaminhamentos e direcionamentos discursivos, dados pelos sujeitos-locutores ou pelas condições de produção, do que se pode sustentar. Apesar de o sentido poder sempre ser outro, ele não abre totalmente para o novo, como destaca Orlandi (2012, p. 15): “não é verdade que o texto pode desenvolver-se em qualquer direção: há uma necessidade que rege cada texto e que vem da relação com a exterioridade”.



Texto-imagem 3

O texto-imagem 03 estrutura-se pelo enunciado verbal 'O manifestante', que encaminha, desde o início, para um sujeito do discurso bem marcado pelo artigo definido. O manifestante não é mascarado, diferentemente dos *black blocs*. Ele se manifesta sem máscaras, de forma pacífica, de cara limpa, como um sujeito bem definido e politicamente correto. O que se tem, pelo menos na ordem das evidências, é que esse sujeito, que tem a bandeira do Brasil desenhada/estampada no rosto, representa, discursivamente, o Brasil, e, nessa representação (que é imaginária), inclui os brasileiros, os quais se inscrevem em um lugar e dele não conseguem/podem escapar.

A escrita das ruas, por meio dessa materialidade, significa pela posição de quem, talvez, esteja cantando o hino, ou então esteja se significando pelo Hino Nacional, o que pode estar representado pela boca – parte do grupo – que forma o “ó”, talvez de “ouviram”, em que o sujeito referenda a Pátria e a Nação, identificando-se com o país. Interpretamos essa identificação pelo desenho da bandeira no rosto e pelas palavras de ordem. Trata-se do funcionamento da metáfora em que um objeto retoma/faz com que ressoe o outro, a quem se encaminha o dizer ou que o representa. Aqui, Brasil e manifestantes se inscrevem na mesma FD e sinalizam para a permanência de efeitos de sentidos pelos quais se lê/interpreta e se pode escrever que os brasileiros são: pacíficos, conciliadores, honestos e têm orgulho dessa inscrição/condição de manifestante pacífico. Nessa escrita, e, por meio do texto-imagem destacado, é possível dizer que as regularidades se mantêm. Mesmo assim, não é possível dizer que se trata do Um, que mundializa, particulariza e impede que se constituam efeitos de sentidos outros. Dentre os manifestantes, podem estar também os que protestam e não somente os que se manifestam pacificamente.

Por meio dessa materialidade, é possível destacar que a escolha do corpo, como objeto de análise, sinaliza para a fragilidade das fronteiras entre o linguístico e o imagético e para as transformações no arcabouço teórico da Análise de Discurso. A teoria, que iniciou na década de sessenta, do século XX, elegeu a escrita e a fala do discurso político. Segundo Ferreira (2013, p. 128), “[...] o corpo, objeto discursivo que se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva. O corpo da visibilidade e da invisibilidade, corpo que se deixa olhar e que se coloca na posição de quem olha. Corpo como uma estrutura e que se tem acesso pelas falhas”.

É esse corpo que escreve o discurso dos movimentos de rua, cobrindo-se com a bandeira do Brasil e se identificando com ele ou cobrindo o rosto, resistindo ao institucional e ao poder do Estado.

4 Buscando um possível fechamento

A vocação do sujeito, segundo Orlandi (2012), é instaurar efeitos de homogeneidade, permeado pelo desejo do Um, em detrimento da divergência do grupo. Nas três materialidades analisadas, tomamos o corpo como um lugar de memória, como materialidade significante constituída por enunciados-imagem, enquanto como espaços interdiscursivos (VENTURINI, 2009). Os enunciados-imagem trabalham a interpretação, referendando filiações e redes de memória na organização do dizer, sempre a partir de sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente, de acordo com Pêcheux (1997).

O movimento analítico, realizado em nosso texto, ocorreu em torno dos três textos-imagem em que o corpo funciona como texto e, a partir dele, os textos que encaminham para discursos são escritos. Nesses textos, o corpo-memória funciona na organização dos sentidos, constituindo corpos-texto que ‘individua’ sujeitos e os filiam em FD’s. A individuação dos sujeitos, como vimos a partir de Orlandi (2012), diz respeito às posições-sujeito assumidas por eles nos movimentos de rua de 2013. Vimos, a partir dos textos-imagem analisados, sujeitos que protestam e defendem suas posições usando a força e as armas (texto-imagem 01). Nessa mesma direção, vimos, pelo texto-imagem 02, sujeitos que protestam e mostram o rosto, defendendo posicionamentos ligados à guerrilha, segundo a Revista em que a materialidade circulou. Contraopondo-se às duas materialidades já assinaladas, no texto-imagem 03, o manifestante, chamado pacífico, mostra o rosto e se veste com a bandeira do Brasil, desenhada no rosto. Podemos dizer, pelo texto-imagem 01, que o sujeito é significado pelo modo de posicionar-se, pela máscara que esconde o rosto e pela arma em sua mão. Trata-se de um sujeito anônimo, representando uma parte ou todos os brasileiros. Diferenciando-se desse primeiro texto-imagem, no texto-imagem 02, o sujeito tira a máscara e mostra o rosto, desafiando talvez os que defendem a manifestação pacífica ou a polícia que atuou de modo coercivo. O desafio maior em relação a esse sujeito está no fato de se tratar de um sujeito-feminino.

É possível dizer que, entre o texto-imagem 01 e o texto-imagem 02, formam-se redes parafrásticas, constituindo efeitos de identificação, tendo em

vista que os sujeitos que estruturam essa materialidade fazem parte do movimento que protesta, destacando-se diferenças entre protestar e manifestar-se, visibilizadas na reportagem veiculada pela *Revista Época*. Nas reportagens realizadas pela *Revista Época*, respectivamente, no mês de junho e no mês de novembro de 2013, aqueles que protestam usam máscaras e promovem a violência e a depredação, com o objetivo de chamar a atenção para o movimento. A chamada de capa, nos dois casos, trabalha a ideologia de modo a desconstruir os sujeitos que pertencem ao grupo dos chamados *black-blocks*, fazendo ressoar, na atuação deles a guerrilha e o financiamento externo para treinamento que habilite esses sujeitos a protestarem com mais violência. Com isso, constroem imaginários desfavoráveis a esses sujeitos e ao movimento reivindicatório e de resistência que eles protagonizam.

Os dois textos-imagem se constroem em torno dos movimentos de rua, ocorridos em 2013, mas sintetizam, de certa forma, a matéria que se encontra no interior da revista, respondendo às questões de capa. Trata-se de uma interpretação da reportagem, na qual há uma construção ideológica em torno desses sujeitos e dos movimentos em que eles atuam. Nessas duas materialidades, há efeitos de evidências, decorrentes do trabalho da ideologia, que mostram os manifestantes como guerrilheiros filiados a facções ligadas à esquerda revolucionária e perigosa. O efeito de sentido que se sobrepõe é o de desconstrução desses sujeitos pelo retorno de discursos e memórias em torno de guerrilheiros, ressoando a atuação política da ex-presidente Dilma, com vistas a construir um imaginário desfavorável a ela.

No texto-imagem 03, o manifestante legitima-se pela bandeira do Brasil, pelo grito, sinalizado pelos lábios em 'o', apontando para a incompletude e para efeitos de sentido em torno de que é impossível dizer tudo, e, muito menos, o que se espera que seja dito. O sujeito em destaque, nessa materialidade, mostra-se como identificado com o Brasil e com a ideologia da classe dominante. Manifestam-se por 'um novo momento Brasil', sem determinar que momento é esse. O texto-imagem de capa referenda, assim como os dois textos-imagem anteriores, a reportagem no interior da *Revista IstoÉ* que circulou em dezembro de 2013. O distanciamento temporal permite entender que a revista está dando uma resposta às duas matérias da *Revista Época*. De qualquer modo, há um efeito de indeterminação decorrente do enunciado "um novo momento Brasil", haja vista que não é dito que momento é esse. Sabe-se que o movimento que iniciou, segundo o Movimento Passe Livre, em 2013, como sendo apartidário, mas não sem partido, passou a militar contra o PT e ao vermelho.

Concluímos, então, respondendo à questão proposta para esse texto, e com o objetivo de atar os fios, ainda soltos em nosso texto e, com vistas a dotá-lo de coerência e de unidade, trazendo Pêcheux e Orlandi como teóricos que ancoram nossas posições. Segundo Pêcheux (1997), o discurso ocorre a partir de sujeitos e esses se inscrevem a lugares e se filiam em FD's que determinam o que eles podem ou não fazer, do que decorrem determinados efeitos de sentidos e outros não. Orlandi (2002) destaca que o sentido jamais é UM e sua constituição depende de sujeitos e das condições de produção de cada discurso.

Nas três materialidades, os corpos em discurso mostram o jogo discursivo que constrói/instaura redes de memória e, por esse funcionamento, efeitos de verdade, de confiança, ou o contrário. Nossa questão foi: Como no/pelo corpo-texto instauram-se efeitos de pertencimento ou denegação? Tendo em vista essa questão, dizemos que o corpo como texto instaura efeito de pertencimento ou sinaliza para a denegação pela sua escrita, ou seja, pelo que ele diz a partir dos enunciados-imagem que o estruturam/organizam. O efeito de denegação é dado pelos textos-imagem 01 e 02, em que uma parcela de sujeitos resiste ao que está posto, especialmente, pelo nacionalismo utópico.

O modo de manifestar-se é outra evidência de denegação, construindo efeito de não aceitação do Brasil que motiva as jornadas de junho e leva os sujeitos a lutarem contra o regime. Por isso, os sujeitos não mostram a cara, e os que a mostram fazem-no para destacar que protestam contra o regime. Esse não mostrar-se é um direito, mesmo sem se mostrar os sujeitos significam o Brasil. Quanto aos processos discursivos de construção de efeitos em relação às discursividades, entendemos que o efeito de pertencimento ocorre pela metáfora e pelo efeito de denegação de o que não é aceito referendado pelos sujeitos da formação social.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 1991.
- COURTINE, J.J. **Análise do discurso político**: O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.
- ELIA, L. **Conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FERREIRA, M. C. L. Discurso, arte, sujeito e a tessitura da linguagem. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Orgs.) **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 127-139.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMAN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. **Práticas Discursivas e Identitárias – Sujeito e Língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

NECKEL, N. **Tessitura e Tecedura**: Movimentos de compreensão do Artístico no Audiovisual. 2010. 234f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campinas, 2010.

NUNES, J. H. Marchas urbanas: das redes sociais ao acontecimento. In: PETRI, V. ; DIAS, C. (Orgs.) **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria/RS: editora UFSM, 2013. p. 65-83.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas/SP : Pontes, 2001.

_____. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas /SP ; Pontes, 2002.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: o caso da delinquência. In: ORLANDI, E. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas**: a fabricação do consenso. Campinas/SP: RG Editora, 2010. p. 11-42.

_____. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas**: a fabricação do consenso. Campinas/SP, RG Editora, 2010. p. 11-42.

_____. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências sujeito/história e indivíduo/sociedade. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M.C. (Org). **Memória e história na/da Análise de Discurso**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2011. p. 37-64.

_____. Processos de significação, corpo e sujeito. In: ORLANDI, E. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas/SP: Pontes Editora, 2012. p. 13-30.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et al]. 3 ed. Campinas/SP : Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi, Campinas/SP: Pontes Editora, 2002.

SOUZA, A. B. de. **O discurso na escritura das ruas na/pela mídia**: interpretação e coerção. 2015. Dissertação (mestrado em Letras). Guarapuava, Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2015.

VELOSO, M. T. Discursos do corpo que (não) fala. **Anais do VII SEAD – Seminário de Estudos em Análise de Discurso [recurso eletrônico]**. Comissão organizadora: Evandra Grigoletto e Fabiele Stockmans de Nardi, Recife, SEAD, 2016.

VENTURINI, M. C. Leitura de um espaço urbano: subjetividade e poder das palavras. **Revista Desenredo**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2009.

Revista IstoÉ. Fonte: disponível no site <https://www.iba.com.br/revista-digital/ISTO%C3%89-Dezembro-2013-2298-0305f4acda3f85d0fdb75995dd8a6712>, acesso em 28 de dezembro de 2013.

Revista Época. Matéria: Quem são eles? Disponível em: http://epoca.globo.com/infograficos/783_todas_capas/index.html. Acesso em 28 de dezembro de 2013.

*Recebido em dezembro de 2016.
Aprovado em dezembro de 2016.*

SOBRE A AUTORA

Maria Cleci Venturini é professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO. Bolsista Produtividade da Fundação Araucária, do Paraná. Desenvolve, atualmente, três projetos financiados: 1) Museus e arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano (apoiado pela SETI – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), 2) Museus e Arquivos Históricos: memória e imaginários no/do espaço urbano (Bolsa Produtividade da Fundação Araucária), 3) Análise de Discurso: retorno à teoria (Pesquisa Básica e Aplicada – Fundação Araucária). É coordenadora do Laboratório de Estudos Linguísticos e Literárias – LABELL, na UNICENTRO e participa, como pesquisadora, do Laboratório *Corpus*, UFSM, coordenado por Amanda Scherer e Verli Petri da Silveira. E-mail: mariacleciventurini@hotmail.com